

Universidade de São Paulo/Faculdade de Educação 2º. Semestre/2008
Seminários de Estudos em Epistemologia e Didática (SEED-FEUSP)
Coordenador: Nílson José Machado

Notas sobre a Espiritualidade de quem não crê

Marisa Ortegoza da Cunha
marisa.ortegoza@bol.com.br

Se Deus não existe, tudo é permitido. (Fiódor Dostoiévski, em Os irmãos Karamazov)

Será?

O que leva uma pessoa a optar pelo bem, pela integridade, pela honestidade, pela generosidade, se não se orienta por qualquer sistema de dogmas ou de crenças?

O que move uma pessoa que não almeja a recompensa do paraíso, nem teme o castigo do inferno?

Como é possível fundar uma ética - ou um comportamento ético - fora de uma religião?

Essas questões, por si, tão delicadas e de difícil tratamento, ainda suscitam outra, basilar: *qual o sentido da vida?*

Longe de pretender responder definitivamente a tais questões, a idéia deste seminário é trazer, à nossa apreciação e análise, os pontos de vista de alguns pensadores - ateus, agnósticos, crentes - sobre esses temas, visando partilhar dúvidas e angústias comuns a todos nós.

O que é mesmo espiritualidade?

Se o que se pretende é discutir a possibilidade de uma vida espiritualizada desconectada de uma religião, faz-se necessário explicitar o que os filósofos entendem por *espiritualidade*.

Para Solomon (2003), a espiritualidade *é nada menos que o amor bem pensado à vida*. É amar a vida pelo que ela nos oferece, e refletir sobre ela, sobre seu significado e os sentimentos profundos provocados por essas reflexões. O autor interpreta a espiritualidade como algo próximo à natureza (o que chama de *espiritualidade naturalizada*), e seu lugar *é aqui mesmo, em nossas vidas e em nosso mundo*.

A espiritualidade abarca o amor, a confiança, a reverência e a sabedoria, mas também os aspectos terríveis da vida, como a tragédia e a morte. É um fenômeno

humano e, sendo assim, caminha de mãos dadas com a inteligência. Não é fundamentalmente uma questão de crenças, mas uma maneira de experimentar o mundo, de viver, de interagir com outras pessoas e com o mundo. A espiritualidade não é meramente paz de espírito, tranquilidade, satisfação. É uma paixão pela vida e pelo mundo. É um movimento, não um estado.

Para Solomon, ser espiritual significa ser reverente com o mundo, para com a natureza, para com as outras pessoas, para com as leis e outras instituições sociais. Ele cita Nietzsche, em "Assim falava Zaratustra - a virtude dadivosa", ao defender a espiritualidade como um transbordamento do self, o abarcar o mundo, de forma generosa e com compaixão.

No livro "Compaixão ou competição", o Dalai Lama afirma, sobre a ética: "... não deve ser vista como pertencente à religião, mas em termos de agir de acordo com a realidade do nosso mundo" (p.74).

Quanto à existência ou não de uma alma, Solomon propõe que em vez de pensar nela como inserida nas nossas profundezas, deveríamos olhar em outra direção, para fora, e pensá-la como aquilo que transcende nossa individualidade e nos une a outras pessoas e ao mundo em geral.

Em seu livro - O Espírito do Ateísmo - André Comte-Sponville defende diretamente a espiritualidade desvinculada da religião: *O que é uma espiritualidade? É a vida do espírito. Mas o que é um espírito? "Uma coisa que pensa", respondia Descartes, "isto é, uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente". ... O espírito não é uma substância; é uma função, é um poder, é um ato* (p.128).

Mais adiante, afirma *Ser ateu não é negar a existência do absoluto; é negar a sua transcendência, a sua espiritualidade, a sua personalidade - é negar que o absoluto seja Deus.*

Propõe e responde afirmativamente à questão se se pode viver sem religião e para isso, defende a necessidade de se viver em comunhão, isto é, compartilhar sem dividir. E afirma que somente o espírito sabe compartilhar sem dividir. Vivemos em sociedade e não há sociedade sem vínculo: não há sociedade sem comunhão.

Para Comte-Sponville, o Sagrado é o que tem valor absoluto, que se impõe de maneira incondicional, que não pode ser violado sem sacrilégio ou desonra, como o são a humanidade, a liberdade e a justiça.

Fala de fidelidade, como o que resta da fé quando a perdemos. A fé é uma crença; a fidelidade é mais um apego, um comprometimento, um reconhecimento. A fé tem por objeto um ou vários deuses; a fidelidade, valores, uma história, a comunidade. Pode-se viver sem fé; não sem fidelidade. Tenha-se ou não uma religião, a moral continua sempre, humanamente, valendo.

A existência de Deus

Solomon não confronta a existência de Deus - menciona o problema do Mal mas propõe uma alternativa a ele. O problema do mal trata do paradoxo de um Deus onipotente, onisciente e bom que permite o mal em seu domínio - questiona o fato de sofrimentos acontecerem a pessoas boas. Isso só ocorreria porque: (1) Deus não sabe disso - mas ele é onisciente, ou (2) Deus não pode evitar - mas ele é onipotente, ou (3) Deus não quer impedir, mas a própria concepção de Deus é que o que realmente conta, é seu zelo.

O paradigma de espiritualidade naturalizada proposto por Solomon dispensa uma tomada de posição em relação à existência de Deus e o autor propõe a simples aceitação do sofrimento e da tragédia como partes integrantes da vida e, assim, possuidores de significado.

Por outro lado, Comte-Sponville analisa criticamente e refuta as três principais provas da existência de Deus - listadas abaixo -, afirmando que a inexistência de provas é uma razão para não crer. E lança a pergunta: esse pai omissivo - se esconde ou não existe?

- A prova ontológica: Deus existe por definição, supremo, soberanamente perfeito e absolutamente infinito.

- A prova cosmológica: o mundo é incapaz de explicar a si mesmo, logo, pelo princípio de razão suficiente, deve haver uma causa para ele. Essa causa explica a si mesma ou exige uma segunda, anterior a ela. Nesse processo regressivo, só se pode escapar da regressão ao infinito supondo um ser que não necessite de outra razão - um ser absolutamente necessário.

- A prova físico-teológica (é o argumento do relógio, ou do desenho inteligente): o mundo existe, complexo e ordenado, o que leva à conclusão da necessidade de uma mente criadora.

Além disso, Comte-Sponville apresenta dois argumentos que o levam a não crer em Deus:

- O Problema do mal, formulado de outra forma:

Ou Deus quer eliminar o mal e não pode; ou pode e não quer; ou não pode nem quer; ou quer e pode. Se quer e não pode, é impotente. O que não corresponde a Deus; se pode e não quer, é mau, o que é estranho a Deus. Se não pode nem quer, é ao mesmo tempo impotente e mau, logo não é Deus. Se quer e pode, o que corresponde somente a Deus, de onde vem o mal ou por que Deus não o suprime?

Para Comte-Sponville, o problema do mal só existe para os crentes, visto que os ateus aceitam o mal como um fato, que tem que ser reconhecido e enfrentado, superado se possível, mas dificilmente compreendido.

- A fraqueza do homem - como Deus teria consentido em criar criaturas tão medíocres? - questiona o autor. E argumenta a favor da teoria naturalista, em detrimento de uma criação divina: *Como cópias de Deus, seríamos ridículos ou inquietantes. Como animais produzidos pela natureza, não somos de todo desprovidos de qualidades e méritos* (p. 114).

Na busca de valores e de um sentido...

Comte-Sponville não nega a contribuição histórica das religiões a nos ajudarem a compreender que é necessário respeitar o outro, sua vida, sua liberdade, sua dignidade, mas afirma que elas não detêm o monopólio dessa compreensão. E declara:

"Crentes e não crentes, estamos separados apenas pelo que ignoramos. Isso não anula nossas discordâncias, mas relativiza seu alcance. Seria loucura dar mais importância ao que ignoramos, ao que nos separa, do que ao que nos aproxima: o que constitui o valor de uma vida humana não é a fé, não é a esperança, é a quantidade de amor, de compaixão e de justiça de que somos capazes! (p. 59) Há vida depois da morte? Não podemos saber....Mas há uma vida *antes* da morte, e isso pelo menos nos aproxima!

No livro *Para que serve tudo isso?*, Baggini, citando Sartre, afirma que *a coisa mais importante a reconhecer é que, como o propósito e o sentido da vida humana não vêm nela embutidos, nós somos os responsáveis por determiná-los*. Não que a vida não tenha sentido: apenas esse sentido não está predeterminado.

Na busca desse sentido, Baggini se volta, inicialmente, para a origem do homem, para uma possível "causa" da vida. Frustrada a busca, volta-se para o futuro: uma possível razão para estarmos aqui. Novamente, argumenta de forma a anular a aceitação dessa resposta - se para ter sentido a vida deve servir a algum objetivo futuro, estendido além da nossa vida, então a vida não tem sentido. Resta, assim, buscar o sentido da vida nela própria, no presente.

O autor analisa, então, possíveis respostas que as pessoas dão à pergunta *Qual o sentido da vida*: ajudar os outros, servir a humanidade, ser feliz, sem bem-sucedido, aproveitar cada dia como se fosse o último, libertar a mente. Para cada alternativa, porém, o autor argumenta longamente, no sentido de mostrar que cada resposta contém apenas parte da verdade.

Chegando a esse ponto, Baggini analisa o sentido que pode haver na falta de um sentido - afirmar que a vida não tem sentido só é verdade se nos limitarmos a buscar esse sentido numa única alternativa. Defende que o que falta é reconhecermos que *a vida pode ter um sentido se descobrirmos que ela vale a pena ser vivida por si só, sem recorrermos a metas, objetivos ou propósitos futuros*.(p.167)

A proposta de Baggini é que a vida vale a pena ser vivida - e que tem sentido - quando ela é algo bom em si mesmo, quando se tem - ou busca - *a felicidade, a autenticidade, a expressão pessoal, os relacionamentos pessoais e sociais, o cuidado com o bem-estar dos outros etc.* e que seja moralmente sã. Para isso, exalta a importância do sentimento de gratidão, dos laços, do amor.

Bertrand Russel, sabidamente agnóstico e avesso às religiões, em seu livrinho *No que acredito*, defende uma vida virtuosa, cuja construção pressupõe inteligência, autocontrole e solidariedade. Destaca a importância do amor e do conhecimento, e afirma que dos dois o amor é ainda mais importante, pois leva a pessoa inteligente a buscar conhecimento para beneficiar a quem ama.

O homem deve buscar a felicidade pois ela "não deixa de ser verdadeira porque deve necessariamente chegar a um fim; tampouco o pensamento e o amor perdem seu valor por não serem eternos."(p.39)

E por que escolher o amor e não o ódio? Em vez de conflito, o amor confere harmonia aos desejos das pessoas envolvidas: se há amor, as pessoas vendem ou fracassam juntas; se há ódio, o triunfo de uma é o fracasso da outra. E felicidade é a realização dos desejos e são nossos desejos que conferem valor às coisas.

Conclusão... conclusões - Parece que percorremos diferentes caminhos para chegarmos, todos, a um mesmo lugar:

Bertrand Russell:

*Para mim, a vida virtuosa é aquela inspirada pelo **amor** e guiada pelo **conhecimento**.*

Solomon:

*Quando digo que a espiritualidade é a ampliação e não a negação do self, o que tenho em mente é esse sentido comunal de self como alma, que se manifesta em sua forma mais imediata como **compaixão**.*

Comte-Sponville:

*É isso que nos une: espaço de comunhão e de fidelidade.... O essencial está em outro lugar: no **amor** (logo na alegria) e na **verdade** (logo no universal) de que somos capazes.*

Baggini:

*... podemos reconhecer a importância do **amor** como, talvez, o instrumento mais poderoso para nos motivar a fazer absolutamente qualquer coisa.*

Uma última palavra sobre o tema:

Quem não crê é (o único?) responsável por si mesmo, pelo outro, pelo mundo.

Por fazer valer a pena sua estada no planeta.

Não há consolo quanto a dores passadas (Foi Deus quem quis) nem delegação de esperanças para o futuro (Se Deus quiser...).

Não há perdão - e conseqüente alívio - para suas faltas. Há que viver com a lembrança e conseqüências de seus erros.

Se Deus não existe, tudo é permitido?

Não, porque, kantianamente, eu não me permito.

Bibliografia

BAGGINI, Julian. **Para que serve tudo isso?** - A filosofia e o sentido da vida, de Platão a Monty Python. Trad. Cristiano Botafogo. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

Livro que analisa de forma crítica, mas bem-humorada - fazendo uso de diálogos e cenas de filmes, declarações de artistas e amenidades do gênero -, diversas possibilidades de resposta para a pergunta "Qual o sentido da vida?", negando que este se encontre em um plano transcendental e propondo uma solução bem "próxima de nós", à questão.

COMTE-SPONVILLE, André. **O Espírito do Ateísmo** - Introdução a uma espiritualidade sem Deus. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Ateu convicto, o autor argumenta no sentido de negar a existência (ou a necessidade) de Deus para que se possa ter um quadro de valores e uma vida de acordo com eles. Defende e propõe uma espiritualidade para ateus.

DALAI LAMA. **Compaixão ou Competição** - Valores humanos nos negócios e na economia. Trad. Arnaldo Bassoli e Lamara Bassoli. São Paulo: Palas Athena Editora, 2006.

O livro transcreve as considerações de representantes da área de economia presentes no fórum "Empreendimento e desenvolvimento no século XXI: compaixão ou competição", realizado em Amsterdã. Durante o fórum, o Dalai Lama discorreu sobre a compaixão e a necessidade de aplicá-la na concorrida área dos negócios e da produção econômica.

ECO, Umberto e MARTINI, Carlo Maria. **Em que crêem os que não crêem?** Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 1999.

Trata-se do diálogo travado ao longo de um ano entre Umberto Eco e o cardeal Carlo Maria Martini, na forma de cartas, nas páginas da revista italiana Liberal. O debate constituiu-se numa reflexão sobre os valores fundamentais do homem contemporâneo.

HESSE, Hermann. **Minha Fé**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1971.

Profundamente religioso e místico, o autor defende a ideia de "unidade" e professa sua fé nos homens.

RUSSELL, Bertrand. **No que acredito**. Coleção L&PM Pocket, vol. 592. Porto Alegre: L&PM Editores, 2007.

Pequeno livro, no qual o autor, agnóstico declarado, defende a busca desinteressada da verdade como elemento de uma vida virtuosa, condena a superstição, discute a contribuição da ciência para a felicidade humana, entre outros temas instigantes. Esse livro foi parte das provas apresentadas por inimigos de Russell à corte de Nova York, em 1940, sob a acusação de que ensinava "imoralidades". A corte decidiu pela sua não indicação para lecionar no City College.

SOLOMON, Robert C. **Espiritualidade para céticos** - Paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

O autor analisa detalhadamente os vários atributos do que denomina "espiritualidade naturalizada", como paixão, reverência, confiança cósmica, racionalidade. Disserta ainda sobre enfrentamento do sofrimento e da tragédia e propõe uma transformação do *self*, um transbordamento, para possibilitar um significado à vida.

Bibliografia Correlata

BATAILLE, Georges. **Théorie de la religion**. Paris: Éditions Gallimard, 1973.

CAMPOS, José Guerra. **Ateísmo hoy**. Madrid: Fe Católica-Ediciones, 1978.

COGNIOT, Georges. **Religion y Ciencia**. Buenos Aires: Editorial Futuro, 1960.

DALAI LAMA, **O universo em um átomo** - o encontro da ciência com a espiritualidade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

FERRY, Luc. **O homem Deus ou O sentido da vida**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2007.

GUILLEBAUD, Jean-Claude. **A força da convicção**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2007.

GUISÁN, Esperanza. **Ética sin religion**. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

HEGEL. **Fé e Saber**. Org. Oliver Tolle. São Paulo: Hedra, 2007.

LACROIX, Jean. **El ateísmo moderno**. Barcelona: Editorial Herder, 1968.

LESTIENNE, Rémy. **O acaso criador**. São Paulo: EDUSP, 2008.

MEDAWAR, Peter B. **Os limites da ciência**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

MILL, John Stuart. **La utilidad de la religión**. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

RICOEUR, Paul. **Nas fronteiras da filosofia**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.